

## VOTO DE PESAR

Honrando os Açores e a vida mais o amor que aos dois se condensa, desapareceu de entre nós, prematuramente, uma das mais significativas vozes da literatura e cultura portuguesas com quem tivemos todos, de uma forma ou de outra, o grato gosto de partilhar histórias ou de conhecer um pouco, nem que tenha sido apenas, através dos seus livros, de uma entrevista ou de um artigo de opinião.

Daniel Augusto Raposo de Sá, natural da Maia, concelho da Ribeira Grande, ilha de São Miguel. Professor, escritor, Deputado do PS/Açores nas I e II legislaturas.

Nasceu a 2 março de 1944, dia em que, como o próprio escreveu, em “Auto Retrato e Bibliografia”: “(...)”Era uma noite escura e tempestuosa”. Estava assim aquela em que nasci, quando o apocalipse da guerra contava já os seus últimos milhões de mortos, e o petróleo ia substituindo o azeite de gata, que dava mais cheiro que luz. Nesse dia, quadragésimo nono aniversário do decreto da autonomia de Hintze Ribeiro (...)”

O excerto do texto a que acima aludimos explica as razões de um homem, reconhecido pela personalidade forte, o amor incondicional aos Açores e a capacidade crítica intocável e assertiva, Daniel de Sá dizia sempre, como foi ainda possível ouvi-lo dizer recentemente, em entrevista retransmitida na rádio Açores-TSF, que “(...) prefiro ter um pequeno nome na literatura nacional, do que ser um príncipe das letras açorianas.(...)”.

E foi aliás nessa perspetiva que viveu sempre, de raízes divididas, entre a Maia e a ilha de Santa Maria, onde morou, que o “pastor das casas mortas”, senhor de uma “ilha grande fechada” nos dignificou em vida e nos repercute em memória de Povo atlântico com os ossos mergulhados no mar, parafraseando Nemésio, e a geografia, do mesmo Nemésio, valendo outro tanto como a história.



Daniel de Sá deixou-nos uma vasta obra constituída por romances, crónicas, novelas, ensaios e contos. Deu-nos dimensão, escreveu-nos em páginas e páginas destas histórias e lembrou em títulos vários a nossa condição insular.

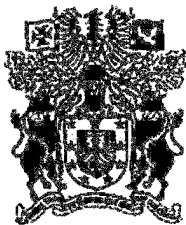
Num texto escrito sobre Santa Maria declara: “(...) Considero-me um privilegiado quando me chamam mariense. Porque, como filho destas ilhas, tenho a sorte de ter pai e mãe. Foi meu pai São Miguel, minha mãe, Santa Maria. E, se pode ter-se dupla nacionalidade, por certo que poderá ter-se dupla “insularidade”.

Em Auto Retrato e Autobiografia diz-nos, modesta e humildemente, o seguinte: “(...) Tenho pena de não ter nascido a tempo de escrever o "Estrangeiro" ou "As Vinhas da Ira", de compor o "Messias" ou a "Sagração da primavera", de pintar "A Peregrinação de Santo Isidro", ou de esculpir "Os Burgueses de Calais", de formular a teoria da Relatividade ou de descobrir a penicilina, de erguer o Taj Mahal, de criar o poema "Tabacaria" ou, ao menos, de inventar a maionese. (...)”

Todos os elogios que podemos dedicar ao escritor neste momento serão sempre poucos, quando confrontados com o rigor do uso da palavra escrita em explicações próprias da sua trajetória como esta que de si dizia, já em 1992: “Pai de três filhos que vão crescendo e de seis livros maneirinhos, sinto que me saí melhor (talvez por serem uma obra a dois) com aqueles do que com estes, mas ainda não perdi a esperança de ser tão feliz por uns como pelos outros” (Auto Retrato e Autobiografia).

Ficamos assim obrigados a respeitar a sua memória, a ler os seus livros, contos e poemas com o sentido crítico e não seguidista que o imortaliza como Homem da Cultura contemporânea.

Todos seremos poucos para abraçar o legado que nos deixou e que, a encerrar este voto, voltamos a lembrar citando um poema escrito por Daniel de Sá, em memória de um menino do Faial. Chama-se *Um Hino à Vida* e diz assim:



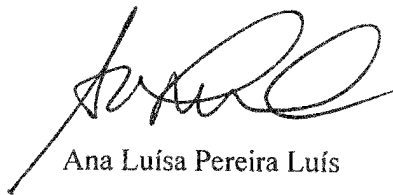
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA  
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
*Gabinete da Presidência*

“Nem flor efémera, leve/ Como um sorriso perdido./Nem borboleta tão breve/Que num voo só alcança/O tempo de ter sido,/Num bater de asa que dança./Nem um até amanhã,/Que amanhã é outro dia,/É dia de outros, mamã,/E com a mesma alegria./Nem mil beijos ou abraços./Nem mais passos... nem mais passos.../Nem flores de despedida,/Nem vozes contra o destino./Só isto: mudei de vida/E serei sempre menino.”

Assim, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, aprova um voto de pesar pelo falecimento prematuro do professor e escritor Daniel de Sá, e manifesta o seu profundo pesar pela perda que significa para a cultura e literatura contemporânea e pela falta que nos fará a todos a sua voz crítica e sensata.

Aprovado, por unanimidade, pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na Horta, em 18 de junho de 2013.

A Presidente da Assembleia Legislativa  
da Região Autónoma dos Açores



Ana Luísa Pereira Luís